



ARRIBA

Nº 9

Associação de Moradores dos Capuchos

Junho 2021

Para onde vamos?



Carvão for

Capa e contra capa: Aguarela de **Carlos Canhão**

A Nossa Associação – Participação e Cooperação

de **José Carlos Rodrigues Nunes**

Pag. 2/3

**Norberto de Araújo e sua ligação
aos Capuchos e à Costa de Caparica**

de **Alexandre Flores**

Pag. 4/7

Associativismo em tempos de pandemia

por **Mário Jorge Nunes Silva**

Pag. 8

Cântico Negro de **José Régio**

Pag. 9

Património: Para onde vamos?

por **Ana Artilheiro**

Pag. 10/12

Exposição de aguarelas

Pag. 13

“2121”

Um conto de **Paulo Figueiredo**

Pag. 14/16

Donde viemos? O que somos? Para onde vamos?

Pag. 17

Alterações climáticas: Para onde vamos?

por **João Paulo Curto**

Pag. 18/20

Alice no País das “Maravilhas”

por **Um Morador**

Pag. 21

Para onde vamos?

Cartoon de **Ferrer Asturiano**

Pag. 22

O “ARRIBA” é propriedade e edição da **Associação de Moradores dos Capuchos**.

Publicação trimestral gratuita. Distribuição por e-mail.

Contactos: <https://sites.google.com/site/amoradorescapuchos/>

Facebook: <https://www.facebook.com/AMC-Associação-de-Moradores-dos-Capuchos-426610328116880/>

E-mail: associacaomoradorescapuchos@gmail.com



A NOSSA ASSOCIAÇÃO - PARTICIPAÇÃO E COOPERAÇÃO

Por José Carlos Rodrigues Nunes – Presidente da Direcção

A AMC - Associação de Moradores dos Capuchos realizou a sua reunião de fundação no dia 4 de Agosto de 2015. Ainda é, portanto, uma jovem associação.

De acordo com os seus Estatutos, a Associação dará ênfase à identificação dos principais problemas existentes em cada momento na zona geográfica da sua intervenção – Capuchos - para os apresentar às entidades competentes responsáveis pela sua rectificação. E ao apresentar a inventariação dos problemas proporá, em simultâneo, as soluções que pareçam as mais adequadas. Têm sido situações predominantemente relacionadas com a organização e melhoramento do espaço, as vias de circulação, a recolha dos diversos tipos de lixo, a limpeza e a segurança dos residentes.

Paralelamente, e também muito importante, a Associação pretende realizar e apoiar a realização de acções visando o bem-estar dos moradores nos domínios da saúde, do desporto, da cultura e também da protecção do meio ambiente.

Sendo uma associação de moradores, é lógico e indispensável que a identificação das situações e a caracterização das soluções a propor resultem da directa e efectiva **PARTICIPAÇÃO dos moradores**.

Qualquer associação, especialmente uma associação de moradores, que se confronta com instituições algo burocráticas e demoradas nas suas respostas, será tanto mais representativa e

interventiva quanto maior for o entusiasmo e a intervenção dos seus associados!

Esta indispensável participação dos moradores tem duas vertentes:

- A sua ligação à sua Associação, tornando-se sócios;
- A sua permanente avaliação do que “se passa à sua volta” no espaço que habitam ou frequentam, para detectarem situações carentes de rectificação e, logo que detectadas, comunicarem à “sua” Associação, independentemente de também tomarem a iniciativa de as apresentar às entidades competentes.

É claro que os moradores que não queiram associar-se à AMC também poderão participar na actividade da Associação, embora não tenham direito de voto nas Assembleias Gerais.

Identificadas as situações, a Direcção promoverá as necessárias diligências junto das entidades competentes, muito especialmente, a Câmara Municipal e a Junta de Freguesia, através de cartas, reuniões com responsáveis pelos pelouros correspondentes aos casos em apreço e participação nas sessões públicas.

Como tem sido seu timbre, a Direcção prosseguirá estas actividades movida, sempre, pela lógica da **COOPERAÇÃO com as entidades envolvidas**.

Cooperação em termos da identificação das situações carentes de intervenção, apresentação de propostas de adequadas

soluções e o acompanhamento possível dos processos, visando a sua atempada concretização.

Como é evidente, só passará para a fase da devida **contestação** se, volvido o razoável tempo de espera nada mais tenha acontecido senão promessas que não passaram disso....

Neste momento, em jeito de balanço, vimos concretizada a demolição do edifício provisório da antiga Escola Primária dos Capuchos e a retirada das placas que constituíam o respectivo telhado de amianto, substância cancerígena cuja inalação provoca danos irreparáveis, principalmente na função pulmonar. Para além disso, apesar de muitas insistências traduzidas nas ditas cartas, reuniões e participações em sessões públicas, identificamos várias situações prioritárias pendentes de resolução, que nos têm levado a intensificar diligências junto da CMA. A saber:

- Repavimentação das Rua Lourenço Pires de Távora, Rua dos Capuchos e Rua da Estrelinha. Note-se que estas vias têm muito trânsito, por

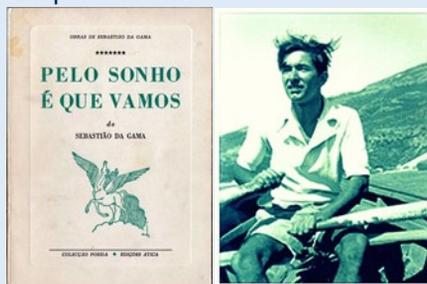
- constituírem acesso não apenas ao Bairro dos Capuchos, mas também ao Convento dos Capuchos e ao miradouro panorâmico dos Capuchos.
- Pavimento, passeios, locais para espera dos transportes públicos e controlo velocidade, na EN10-1.
- Reparação de muros, melhor sistema de depósito e recolha de lixo e mais frequente policiamento no espaço do miradouro panorâmico dos Capuchos.
- Devolução ao serviço público do terreno agora devoluto, antigamente ocupado pela antiga Escola Primária dos Capuchos, construindo um espaço misto de lazer e exercício físico - um pequeno jardim público relvado com bancos e alguns aparelhos de ginástica.

P.S. No próximo dia 29 de Maio, com início às 15h30, realizar-se-ão em sala do Convento dos Capuchos uma Assembleia Geral Eleitoral extraordinária e uma Assembleia Geral ordinária cujas convocatórias já foram distribuídas.

Aproveitamos para agradecer à Câmara Municipal de Almada, a cedência de sala.

***Pelo sonho é que vamos,
Comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não frutos,
Pelo Sonho é que vamos.
Basta a fé no que temos.
Basta a esperança naquilo
Que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
Com a mesma alegria,
Ao que desconhecemos
E ao que é do dia-a-dia.
Chegamos? Não chegamos?
Partimos. Vamos. Somos.***

Sebastião da Gama (1924 – 1952). foi um poeta e professor português. A sua obra encontra-se ligada à Serra da Arrábida, onde vivia e que tomou por motivo poético de primeiro plano.



<https://ensina.rtp.pt/artigo/sebastiao-da-gama/>

Clique no link para ver o vídeo

NORBERTO DE ARAUJO E A SUA LIGAÇÃO AOS CAPUCHOS E À COSTA DE CAPARICA

Por **Alexandre Flores**

Norberto de Araújo (1889-1952), do seu nome completo, Norberto Moreira de Araújo, ilustre jornalista e olisipógrafo, nasceu em Lisboa, a 21 de Março de 1889. Também foi poeta e dramaturgo. A par da relevante carreira jornalística e de ampla obra literária, o nosso biografado é mais conhecido nos nossos dias como olisipógrafo erudito. Uma figura que, no decorrer da sua vida, começou a passar férias de verão, a partir dos finais da década de 1930, na Casa de Outeiro, perto dos Capuchos.



Retrato de Norberto de Araújo. Coleção do Gabinete de Estudos Olisiponenses

Então quem foi Norberto de Araújo?

Após a morte prematura de seus pais, o jovem Norberto de Araújo, com 14 anos, foi

viver com um seu tio materno. Em 1904, com 15 anos, entrou como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional. Como trabalhador-estudante, completou o Curso dos Liceus e frequentou o Curso Superior de Letras. Decorria uma época em que ele lia, lia muito. Da pluralidade de leituras, sobressaía a sua paixão pela história dos lugares e gentes de Lisboa, quase sempre em registo directo, pitoresco e racional. Mas o seu papel não se ficava por aí, porque vai trilhar outros caminhos. Em 1916, vai ingressar na redacção do jornal «O Mundo», mudando-se, passado um ano, para o jornal «A Manhã». A intensa actividade jornalística levou-o a ser jornalista do «Diário de Notícias», do «Século da Noite», da «Pátria» e, a partir de 1922, do «Diário de Lisboa», (fundado em 1921 e dirigido pelo Dr. Joaquim Manso), onde se vai manter até à sua morte, já como redactor-principal. Ainda chega a colaborar em outras publicações periódicas, como: «Ilustração» e «Ilustração Portuguesa».

Como associado do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa-Casa da Imprensa, foi presidente da direcção deste organismo sindical (1932-1935). Foi enviado especial em várias visitas de Estado ao estrangeiro. Por exemplo, em 1922, acompanhou ao Brasil o Presidente da República, Dr. António José de Almeida, quando das comemorações do centenário da Independência do Brasil; em 1929, integrou a comitiva oficial

também como enviado do «Diário de Lisboa», quando da visita de Estado a Espanha, do Marechal Óscar Carmona, Presidente da República.



Norberto de Araújo, col. do Gabinete de Estudos Olisiponenses

Para além da actividade jornalística, Norberto de Araújo escreveu peças e revistas teatrais, publicou livros, tratando os mais variados temas. Autor de obras incontornáveis para o conhecimento da capital, como «Inventário de Lisboa» (1939), «Peregrinações de Lisboa» (3 vols., 1939), «Legendas de Lisboa» (1943). É de assinalar o grande interesse que Norberto de Araújo tinha nas fontes e nos estudos sobre o passado de Lisboa. Daí o seu contributo para a história olisiponense.

Há canções com letra sua, destacando-se a Grande Marcha de 1935: «Lá Vai Lisboa», com música de Raúl Ferrão e imortalizada na voz da intemporal Amália Rodrigues.

Em 1936, encontra-se integrado no núcleo fundador do Grupo dos Amigos de Lisboa,

ao lado de Augusto Vieira da Silva, Gustavo de Matos Sequeira, Luís Pastor de Macedo, Rocha Martins e outros. Em representação deste Grupo, coordena, em 1939-40, o Pavilhão de Lisboa, na «Exposição do Mundo Português».

Considerando o intenso trabalho jornalístico, fazia questão de sair, aos fins de semana, em passeios de família pelos arredores da capital, ou a banhos no mar nas praias da Trafaria e da Costa de Caparica. Para mais, Norberto de Araújo chega a alugar ao ano o piso térreo da casa da «Quinta do Outeiro da Bela Vista» (situada em frente da Quinta da Estrelinha e entre Vila Nova e Capuchos), de que era proprietário Raimundo Monteiro Torres (filho do antigo Juiz de Fora de Almada, Dr. José Monteiro Torres) e sua mulher Idalina M. Torres, no qual passava o verão (de Junho a Setembro) com a Família. À volta desta casa havia uma vasta e frondosa mata, cuja propriedade foi vendida, na década de 1960, à Família Valentim de Carvalho. (ver Alexandre Flores - «David Mourão Ferreira (I,II) e a casa de férias nos Capuchos», in Facebook, de 14 de Agosto de 2019).



Casa de férias na Quinta do Outeiro da Bela Vista

Norberto de Araújo adorava este local aprazível, próximo do Convento dos Capuchos. Fazia longas caminhadas a pé com os seus netos e criava empatia com os moradores da região, independentemente da sua classe social. De quando em quando, ia à caça das rolas. Visitava quintas e edifícios em lugares, como: Capuchos, Robalo, Vila Nova de Caparica, Lazarim, Caparica, Sobreda, Charneca de Caparica.



COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO Costa de Caparica – Convento dos Capuchos

Convento dos Capuchos em ruínas. Col. da Comissão Municipal de Turismo, CMA.

Destes lugares, a sua atenção virava-se para o Convento dos Capuchos (séc. XVI), muito danificado pelo terramoto de 1755, posteriormente vendido após a extinção das Ordens Religiosas.

Na verdade, sentia uma grande mágoa ao ver aquele monumento votado ao abandono e desinteresse do seu proprietário, não obstante a presença de rendeiros, e da inércia das autoridades.

A este propósito, Norberto de Araújo escreveu vários artigos na imprensa a condenar tal estado de coisas. Não resistimos a transcrever um deles, em estilo satírico:

«O convento é agora habitação do tal inquilino, um casal humilde e bronco, pejado de filharada. Oito miúdos, filhos do rendeiro, esgrouviam por ali; ronca um

porco, picam galináceos, ladra um cão horrível – e a paisagem é um deslumbramento! Na galilé, os míseros rendeiros destas ruínas e terras em redor fazem hoje depósito de tomates e abóboras(...)» (in «Diário de Lisboa», de 31 de Agosto de 1936).

Graças à sua causa na defesa do património edificado, exarada em artigos de salvaguarda e divulgação da história regional e local, o monumento quinhentista acabou por ser restaurado.

Já antes, outras figuras tinham denunciado a depredação a que esteve sujeito o estado arruinado do Convento dos Capuchos, como o poeta Bulhão Pato, Teixeira de Pascoais e Raúl Proença.

O edifício conventual e sua propriedade envolvente, na posse de Virgílio Alves Xavier, vieram a ser adquiridos, a 24 de Maio de 1950, pela Câmara Municipal de Almada, sob a presidência do Capitão de Fragata Luís de Arriaga de Sá Linhares.

Após as obras de restauro, o monumento foi reaberto em 1952.

No verão, costumava deslocar-se à Costa de Caparica, uma terra que lhe tocava o coração.

Adorava ir à praia, não só para comprar peixe aos pescadores, como também para falar e ouvir os veraneantes e amigos locais, como António Correia ((estudioso etnográfico e jornalista), Francisco José da Silva, «Mestre Chico», José Alves Martins, «O Papo Seco» e Wenceslau Ferrão Gomes que, então, defendiam a criação de um jornal independente de propaganda.



«Praia do Sol», n.1. Col. da Biblioteca Nacional de Lisboa.

É neste contexto que Norberto de Araújo vai ser director do jornal «Praia do Sol», cujo primeiro número sai em 1 de Janeiro de 1950, acompanhado pelos fundadores e amigos: António Correia (redactor), José Martins (editor) e Francisco da Silva (administrador). Por motivos de saúde, Norberto de Araújo teve de abandonar, em Agosto daquele ano, a direcção do jornal regional.

Faleceu em Lisboa, em Novembro de 1952, tendo-lhe o Município concedido a «Medalha de Ouro da Cidade» e perpetuar o seu nome na toponímia de Alfama, na Cerca Velha, às Portas do Sol. Na Costa de Caparica, também a edilidade almadense lhe dedicou uma artéria com o seu nome.

Alexandre Flores

Da bibliografia activa de Norberto de Araújo, destacamos os seguintes títulos de livros: «Democratização da Arte» (1914), «Da Iluminura à Tricomia» (ensaio técnico, 1915), «Miniaturas» (1920), «Varanda dos meus Amores» (crónicas, 1922), «Dentro do Castigo» (teatro, 1922), «Vinho Vindimada» (1924), «A Morte Trágica de

Fernando Oliveira» (1924), «Novelas do Amor Humilde» (1925), «Duas Mulheres» (teatro, 1928), «A Mulher que inventou o Amor» (romance, 1928), «Fado da Mouraria» (romance, 1931), «Futebol: sugestão de arte» (ensaio, 1938), «Peregrinação em Lisboa» (ensaio, 1939), «Legendas de Lisboa» (ensaio, 1943), «Inventário de Lisboa» (1944-55, concluído por D. Pires de Lima).

Da vasta bibliografia (incluindo arquivos) sobre a vida e obra de Norberto, registamos, por exemplo, os seguintes títulos: «Arquivo & Biblioteca da Fundação Mário Soares – sobre Norberto de Araújo» // Artur Portela: «Homenagem a Norberto de Araújo», in «O Século», 3 de Julho de 1957 // Conde dos Arcos: «Caparica através dos séculos», Almada, 1972 // José Vicente de Bragança; Jorge Q. Ribeiro de Araújo e Herdeiros de Norberto de Araújo: «Norberto de Araújo (1889-1952) – In Memoriam norbertoaraujo.org» // Norberto de Araújo - «Como se poderiam aproveitar as ruínas do Convento dos Capuchos a par da Vila Nova de Caparica, num sítio de deslumbramento de céu e mar», in «Diário de Lisboa», A. 16, n.º 4953, apêndice 10, 31 de Setembro de 1936 // Romeu Correia: «Homens e Mulheres Vinculados às Terras de Almada (...)», Almada, CMA, 1978 // «Sabe quem foi Norberto de Araújo? 1971», RTP Arquivos, por Maurício de Oliveira.

Associativismo em tempos de pandemia

Por Mário Jorge Nunes Silva

Vivemos tempos desafiantes.

As nossas rotinas diárias mudaram. Tanto a nível profissional como a nível pessoal, seja por estar em teletrabalho ou por não poder transitar entre concelhos ao fim de semana, para visitar aqueles amigos com quem já não nos juntamos há algum tempo, as relações interpessoais estão condicionadas e afectadas pelas restrições que nos trouxe a actual pandemia.

O condicionamento imposto à vida social local pelas limitações ao ajuntamento de pessoas traz como consequência a falta de comunicação e transmissão de ideias e sentimentos entre os moradores. Assim como limita a execução de assembleias de associações de moradores - uma ferramenta importante para agregar ideias, opiniões, e gerar força reivindicativa junto das entidades que têm a obrigação de atender às necessidades dos moradores das localidades, mas que muitas vezes apenas agem após grande insistência dos mesmos.

Não sabemos até quando durarão estas novas barreiras que nasceram com a actual pandemia.

Como tal, temos de encontrar alternativas que permitam reatar as ligações perdidas e criar novas estratégias, seja através de novos canais de comunicação ou aderindo com mais afinco aos que já existem. Como por exemplo o jornal da Associação de moradores dos Capuchos ou a página da Associação no Facebook. São dois canais abertos à participação dos moradores.

O que é certo é que, sem comunicação e sem relações interpessoais, ficamos condenados à estagnação e fechados sobre nós próprios e os nossos problemas, que tantas vezes chegamos à conclusão serem problemas comuns aos nossos vizinhos e que todos ansiamos ver resolvidos.

O Associativismo traz resultados quando é dinâmico. Essa dinâmica resulta da participação de todos, com todas as opiniões e sugestões, mesmo quando são divergentes. Mas certamente terão o mesmo objectivo comum e serão um contributo para que este seja atingido.

Votos de Saúde para todos.

Cântico Negro

"Vem por aqui" - dizem-me alguns com os olhos doces
 Estendendo-me os braços, e seguros
 De que seria bom que eu os ouvisse
 Quando me dizem: "vem por aqui"
 Eu olho-os com olhos lassos,
 (Há, nos meus olhos, ironias e cansaços)
 E cruzo os braços,
 E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:
 Criar desumanidade!
 Não acompanhar ninguém.
 - Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
 Com que rasguei o ventre à minha mãe

Não, não vou por aí! Só vou por onde
 Me levam meus próprios passos...

Se ao que busco saber nenhum de vós responde
 Por que me repetis: "vem por aqui"?

Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
 Redemoinhar aos ventos,
 Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
 A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi
 Só para desflorar florestas virgens,
 E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
 O mais que faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós
 Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem
 Para eu derrubar os meus obstáculos?...
 Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,
 E vós amais o que é fácil!
 Eu amo o Longe e a Miragem,
 Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! Tendes estradas,
 Tendes jardins, tendes canteiros,
 Tendes pátria, tendes tectos,
 E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...
 Eu tenho a minha Loucura!
 Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
 E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém.
 Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
 Mas eu, que nunca principio nem acabo,
 Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!
 Ninguém me peça definições!
 Ninguém me diga: "vem por aqui!"
 A minha vida é um vendaval que se soltou.
 É uma onda que se alevantou.
 É um átomo a mais que se animou...
 Não sei por onde vou,
 Não sei para onde vou
 - Sei que não vou por aí!

José Régio, in 'Poemas de Deus e do Diabo'



<https://youtu.be/T2oQYkQrAr8>

Clique no link para ver o vídeo

PATRIMÓNIO: Para Onde Vamos?

Por **Ana Artilheiro**

Segundo a Infopédia, “Património” vem do latim patrimonium (patri, pai + monium, recebido) e está, historicamente, ligado ao conceito de herança; Em sentido mais lato, local, regional e nacional, abrange um conceito de Bem ou conjunto de Bens, de natureza Móvel, Imóvel (Material e Imaterial), de reconhecido interesse cultural, etnográfico, histórico, ambiental, etc. para determinado local, região ou país.

De notar que o importantíssimo **factor humano**, na sua matriz mais antiga que é a **tradição oral**, contribui para a diversificação do conceito de Património:

- Interferindo na atribuição, aos objectos, de um significado valorativo, conferindo-lhes o estatuto de suporte de memória e identidade;
- Constituindo uma herança que a comunidade protege e transmite às gerações vindouras como factor de enriquecimento e coesão, de independência e identidade;
- Valorizando o território e incrementando a qualidade de vida e os recursos económicos.

Em 18 de Abril de 1983 foi aprovado pela Unesco o Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, “...como oportunidade de aumentar a consciência pública relativamente à diversidade do património e aos esforços necessários para o proteger e conservar, permitindo, ainda, chamar a atenção para a sua vulnerabilidade...”.

Em 22 de Maio de 1984 foi criada a Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa da Caparica, assim chamada, “por já não se encontrar em contacto directo com o oceano, desde o período miocénico, não sofrendo erosão marinha e onde se podem observar fósseis de bivalves, de gastrópodes e de equinodermes, cujo símbolo é uma vieira”.



Apenas e como termo comparativo para reflexão:

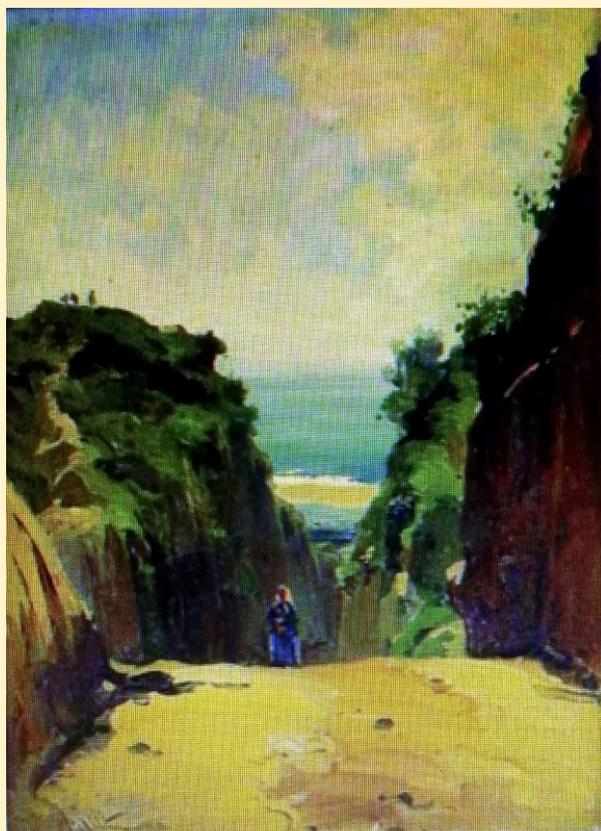
Durante o Estado Novo o conceito de património monumentalista e folclórico, que rejeitava o edificado em ruínas, recuperava-o segundo um cânone pré definido, a que os críticos apelidaram de “Estilo Português Suave”, misturando as características modernistas de engenharia com elementos decorativos da arquitectura portuguesa dos séculos XVII e XVIII e das casas tradicionais de várias regiões do país, replicando-o em todos os tipos de edificações como escolas, quartéis, tribunais, hospitais, câmaras municipais e do Minho até Timor, concentrava no Estado, a exclusividade da definição do património a proteger e a consagrar e da respetiva preservação.

É sob este cânone, que o Convento dos Capuchos foi restaurado em 1950, após a sua compra pela Câmara Municipal de Almada, eliminando elementos seculares ainda presentes na época, que não foram documentados, e acrescentando outros elementos decorativos descontextualizados da história e da identidade do espaço.

Nos anos 80 e 90 do século XX, face aos instrumentos permitidos pela vivência democrática, ao início da globalização e à entrada na E.U., a defesa do Património passou a constituir uma preocupação generalizada da

população, envolvendo cidadãos, que, nos meios rurais e urbanos, individualmente ou nas suas associações se organizaram com o objectivo de “promover a salvaguarda e a valorização do património cultural, tornando-o elemento vivificador da identidade cultural comum”. (Artigo 78 da Constituição da República Portuguesa)

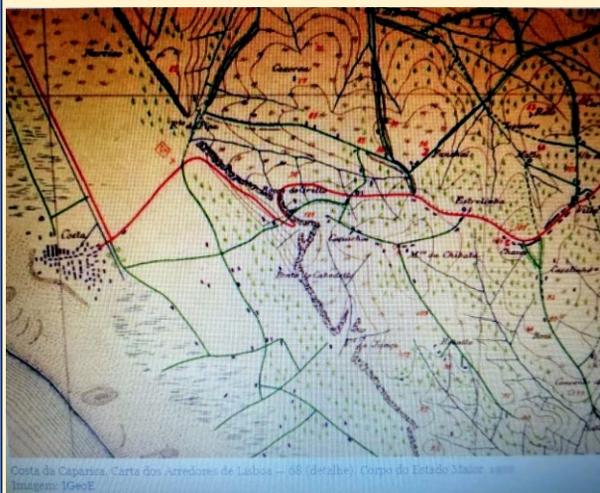
Tendo como base este novo conceito mais abrangente, se protege e conserva a tradição oral de saberes, conhecimentos, experiências, práticas culturais passadas e continuadas, instrumentos e músicas tradicionais, festas e romarias, misturando o rural e o urbano na defesa e salvaguarda do património ambiental, dos locais arqueológicos e históricos, museus, castelos, sítios e ambientes construídos, “empurrando” o Poder Central e Local para a gestão, preservação e coesão da diversidade cultural, possibilitando a sua fruição pela comunidade e entre comunidades e elevando a identidade local, regional e nacional.



Costa da Caparica, Alfredo Keil (1851 - 1907).

É neste longo e nem sempre global processo de camada sobre camada, que se vai construindo, geração após geração, a memória de um Sítio, sendo que, em Almada se observa alguma assimetria entre os espaços urbanos e litorais em detrimento dos espaços interiores, tradicionalmente rurais, desbalanceando a coesão do território na sua multiplicidade; é interessante visitar, nem que seja virtualmente, a exposição “Almada: Um Território em Seis Ecologias” no Museu da Cidade.

Exemplo concreto do formulado no parágrafo anterior, são os Capuchos de uma riqueza ímpar e... quase ao abandono...



O património natural da Arriba Fóssil, cuja formação data de há cerca de 10 mil anos, tem no Miradouro o seu expoente teatral e paisagístico máximos, onde perto passava o caminho conhecido como “Subida dos Capuchos”, tão bem descrito por Romeu Correia no seu livro “Calamento” e se localiza a “Ponta do Cabedelo”, onde foram encontrados vestígios de ocupação humana, como calhaus talhados, lascas de quartzito e fragmentos de cerâmica pré histórica, documentados pelo arqueólogo Bandeira Ferreira e pelo Centro de Arqueologia de Almada através de algumas escavações feitas no local;

O património rural dos moinhos da Chibata, em ruínas e de pertença privada, de antigos casais e quintas, desmembradas em prol do

EXPOSIÇÃO DE AGUARELAS

Quando, em dezembro do ano passado, publicámos nestas páginas alguns esboços do pintor Carlos Canhão sobre o Parque da Paz, nasceu a ideia de organizar uma exposição de aguarelas sobre o referido tema.

Estávamos, então, numa altura em que a pandemia parecia estar a abrandar. Pelo que planeámos fazer coincidir a inauguração dessa exposição com a realização da nossa primeira Assembleia Geral deste ano. E realizar ambas no Convento dos Capuchos.

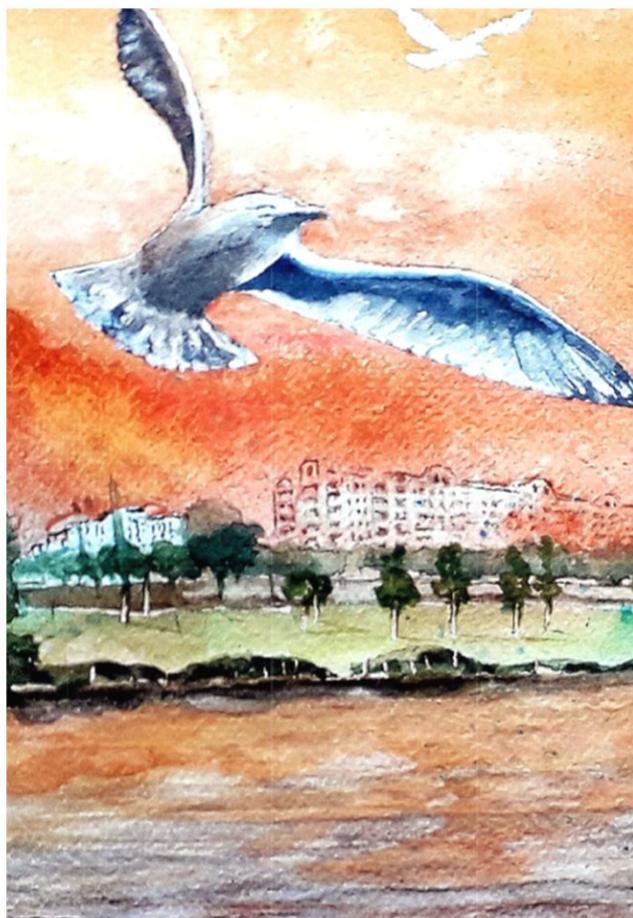
Foi o que propusemos à CMA, salvaguardando sempre que cumpriríamos escrupulosamente todas as condições sanitárias em vigor na altura.

Encontrámos, por parte da CMA, uma atitude de abertura e disponibilidade para a realização destes eventos. Ou assim a interpretámos...

As datas que propusemos foram sendo consecutivamente adiadas, e bem, devido ao agravamento da pandemia. Em abril, já numa situação sanitária mais favorável, propusemos a data de 29 de maio. Aí fomos surpreendidos pela resposta da CMA: para a Assembleia era-nos cedida a capela do Convento mas para a exposição teríamos de agendar uma data no Solar dos Zagalos.

Perante a nossa estranheza, foi-nos dito que, no Convento, havia “compromissos anteriores”...

E foi assim que acabámos por encontrar espaço e boa vontade para esta exposição na União de Freguesias de Laranjeiro e Feijó. Para onde convidamos todos os associados a estarem presentes na inauguração em 19 de junho próximo.



CONVITE EXPOSIÇÃO DE AGUARELAS

União das Freguesias de Laranjeiro e Feijó
Associação de Moradores dos Capuchos
e o Pintor **Carlos Canhão**
Convidam

Todos os associados da A.M.C.

Para a inauguração da Exposição de
Aguarelas e lançamento do livro

O NOSSO PARQUE DA PAZ O PULMÃO DA CIDADE

Feijó, dia 19 de Junho de 2021, pelas 16 h.
Edifício do Poder Local
Junta de Freguesia do Feijó

“2121”

Por Paulo Figueiredo

“Os habitantes da Sul-Europa, parte da Federação Euroasiática, já tinham esquecido o nome da última pandemia. Estamos em 2121 e mais uma vez, graças à sabedoria dos Grandes Líderes, mais uma pandemia foi dominada. Enquanto esta durou, algumas vozes proclamaram que a destruição dos habitats naturais de outras espécies tornava os humanos mais vulneráveis; felizmente esses loucos acabaram por ser silenciados, o seu objectivo era criar o caos. Desde o início do século XXII uma vaga de pandemias e consequentes perturbações sociais ameaçavam fazer cair as sociedades na anarquia; tinha chegado o momento de substituir as velhas democracias liberais, cheias de confusão, debates, manifestações, greves. A Nova Democracia triunfou, eliminando todas aquelas moléstias. A Ordem, a Harmonia e o Progresso foram, finalmente, atingidos.”

Estas foram as palavras que o jovem Alex ouviu do seu superior antes de receber um conjunto de itens que o identificava como Chefe de Brigada, uma promoção que correspondia ao grau 3 no Departamento de Comportamento Cívico, a mais importante força policial da nova ordem. Uma ascensão fulgurante, muito por via do exemplar registo de Crédito Social, uma brilhante invenção de antigos habitantes da região Centro-Ásia, outrora conhecidos por Chineses, a qual consistia numa carteira de pontos, podendo-se adicionar ou subtrair pontos consoante a atitude social do cidadão (um termo obsoleto, herdado da velha ordem, mas ainda em uso). Os elogios à Nova Democracia, a obediência, o respeito sem reservas pela hierarquia, ou a denúncia de comportamentos anti-sociais, acrescentavam belas pontuações e acesso a um nível crescente de privilégios; uma resposta incorrecta a um superior, o descontentamento constante, ou uma vida íntima desregrada, reduziam rapidamente o

número de pontos e quando este descia a zero, os Centros de Reeducação Cívica encarregar-se-iam de ajudar o cidadão a corrigir a sua postura social.

Logo que a cerimónia de promoção terminou, Alex dirigiu-se a um dos balneários do edifício do Departamento e trocou o velho uniforme de polícia pelo novo uniforme de Chefe de Brigada: um fato preto feito por medida, uma gravata preta, uma camisa branca, óculos escuros aparentemente banais mas com visão de realidade aumentada, um reluzente par de sapatos pretos e um relógio especial que substituía o telemóvel. Devolveu o antigo uniforme, não sem um gesto de desprezo. Alex regressou a casa, de acordo a norma estava dispensado do serviço no dia da promoção.

Depois do jantar, Alex preparou-se para assistir a mais um episódio de “A Família”. Desta vez, foi uma família da Sul-Europa a escolhida para, durante aquela semana, aparecer em todos os ecrãs de todas as casas do mundo; ao longo de sete dias, vinte e quatro horas por dia, todos os habitantes da Federação assistiriam ao quotidiano daquela família, discutiriam o seu modo de vida, e no final seria atribuída uma pontuação de acordo com os critérios do Crédito Social. Se fosse considerada Família Modelo, um futuro radioso abrir-se-ia aos seus membros, como a se vida fosse um eterno desfile por uma passadeira vermelha; na grande maioria dos casos, a pontuação não dava para mais do que uma menção honrosa e um conjunto de conselhos para melhorar a atitude social. Mas casos houve de famílias das quais nunca mais se ouviu falar, como se nunca tivessem existido.

Num dado momento do episódio, uma discussão rebentou entre o casal, deixando os filhos pequenos assustados, até ter aparecido uma senhora, que dizia ser avó das crianças, que conseguiu, a custo, acalmar os ânimos. A intervenção da senhora não impediu, todavia, a baixa pontuação, actualizada ao segundo no ecran, dada pelos milhões de espectadores,

através das salas de chat espalhadas pelo globo. Alex perdeu o interesse, no íntimo não gostava especialmente do programa, olhava para as imagens, mas não as via, era uma espécie de automatismo, mas disso sempre fez segredo com medo de que tal levantasse suspeitas. Por cautela, deixou o aparelho ligado. Dirigiu-se para o quarto onde tinha o equipamento de realidade virtual, apetecia-lhe fugir dali e de todos os sítios que conhecia. De repente, olhou de novo para a TV e fixou o olhar naquela avó e percebeu o porquê daquele tédio repentino e da súbita vontade de fugir. Via no olhar e nos gestos daquela idosa o olhar e os gestos da sua avó que tinha perdido naquele ano... “Atrás da nossa foto”. Foi a última frase que a avó Maria pronunciou antes de morrer. Durante uns dias, às escondidas, Alex chorou a morte dela, até ser um dia apanhado e repreendido pelo seu superior.

- A Ordem, a Harmonia e o Progresso foram conseguidas por termos banido as emoções dos centros de decisão. A sua atitude pode ser aceite pelas pessoas vulgares, mas não pelo Departamento de Comportamento Cívico, o qual é uma referência. Por agora passa, não haverá quaisquer consequências, mas não da próxima vez. Espero muito de si. Estamos conversados?

Alex ligou e configurou o equipamento de realidade virtual, das configurações não faziam parte o seu chefe, o Departamento, “A Família”, a Federação. Ocorreu-lhe que pudesse criar as suas próprias definições de Ordem, Harmonia e Progresso. Colocou o capacete, iniciou a viagem. Deixou-se perder no espaço virtual, até que algo estranho o despertou para o espaço físico. Um homem de óculos escuros e fato preto surgiu num canto do cenário em que estava mergulhado, e ouviu vozes, nem o homem nem as vozes tinham sido configuradas.

Estaria a ser vigiado? Dentro do cenário, olhou directamente para o homem de negro, este desapareceu, as vozes calaram-se.

Estava a ser vigiado. Numa máquina de realidade virtual? Como era possível? Lembrou-se que a mesma foi-lhe instalada pelo Departamento, fazia parte do pacote de benefícios a que tinha direito por ser chefe de brigada. E então, compreendeu.

Com o ar mais arrogante que conseguiu arranjar, exibiu ostensivamente o cartão que o identificava como Chefe de Brigada do Departamento de Comportamento Cívico. Agastado, o polícia de giro deixou-o entrar na casa abandonada, após Alex lhe ter dito que naquela casa ocorriam actividades contra a Nova Democracia e como tal, necessitava de fazer buscas. Era noite, mal se via dentro daquela casa velha, em tempos pertencente à sua avó Maria, numa parte da cidade prestes a ser demolida, requalificação urbana não fazia parte da nova ordem, nem o conceito de memória histórica. Os óculos permitiam-lhe ver no escuro e, mais importante, o tempo corria contra ele.

“Atrás da nossa foto”... Alex nem sabia onde procurar, começou por olhar as paredes à espera de ver uma foto que pudesse ligar aquela frase. Numa parede de um quarto, viu uma foto de Maria e um garoto, abraçados. O garoto era ele, “a nossa foto”. O medo de ser apanhado ultrapassou a emoção das recordações, apressou-se a retirar a moldura da parede e pareceu-lhe ver uma ligeira concavidade na mesma. Bateu com a coronha da nova pistola de chefe de brigada e viu que a parede era oca. Meteu a mão, retirou uma caixa, pequena mas pesada como chumbo. Chumbo? “Avó esperta”, pensou, o chumbo bloqueia as radiações, por isso a caixa nunca foi detectada. Saiu apressadamente em direcção ao carro, arrancou a toda a velocidade.

Já em casa, abriu a caixa. Lá dentro, um disco prateado, uma tecnologia antiga. Precisava de ler o conteúdo daquele disco. Sabia onde tinha que ir e para lá se dirigiu, o mais depressa que pôde.

Alex colocou num compartimento secreto no carro, uma velha TV e um equipamento a que um amigo a quem cobrou um favor chamou “leitor de DVD”. Mais uma vez arrancou a toda a velocidade, só parando em casa. Conforme as instruções recebidas, ligou tudo, e pôs o disco a tocar.

O prazer que obtinha das viagens virtuais não se comparava ao que lhe estava a acontecer. O conteúdo do DVD estava dividido em “História do Homem” e “Liberdade”. Uma versão da história do Homo Sapiens, bem diferente da versão da Nova Ordem, desfilou diante dos seus olhos como uma sucessão de histórias incríveis, nunca imaginadas por ele. E com o capítulo “Liberdade” sentiu-se transportado para outra dimensão ao conhecer estranhas lutas antigas: contra a escravatura, contra os impérios, contra a discriminação social, contra o racismo, pelos direitos das mulheres, pelos direitos das crianças. Ficou a saber que até se lutou pela privacidade. O visionamento do disco e as emoções adormecidas que nele despertaram, deixaram-no exausto.

O dia ainda não tinha nascido. Alex gostaria de ter dormido mais, mas já tinha perdido muito tempo. Preparou uma mochila com artigos essenciais, documentos verdadeiros e uns quantos documentos falsos e pegou nos equipamentos emprestados pelo amigo para os devolver, não o queria tornar cúmplice.

Saiu da cidade através da zona oficialmente classificada como não-segura. Ao longo da noite tinha vislumbrado alguns *aerocar*s, que sabia pertencerem a altos funcionários do Departamento, estacionados junto a estabelecimentos de diversão nocturna onde se podia fazer tudo e encontrar tudo.

De súbito, um *aerocar* atravessou-se no caminho, obrigando-o a uma travagem brusca. Saiu do carro, projectando a voz com toda a autoridade de Chefe de Brigada do Departamento de Comportamento Cívico.

- Que vem a ser isto ?!

O homem saído da outra viatura aproximou-se, cambaleante. Alex viu-se frente a frente com alguém bem acima do seu superior hierárquico, o uniforme não oferecia dúvidas.

- Eu é que pergunto o que é que fazes aqui a esta hora!

- E você? Mal se consegue aguentar em pé e a tresandar a álcool. O Crédito Social é só para os outros?

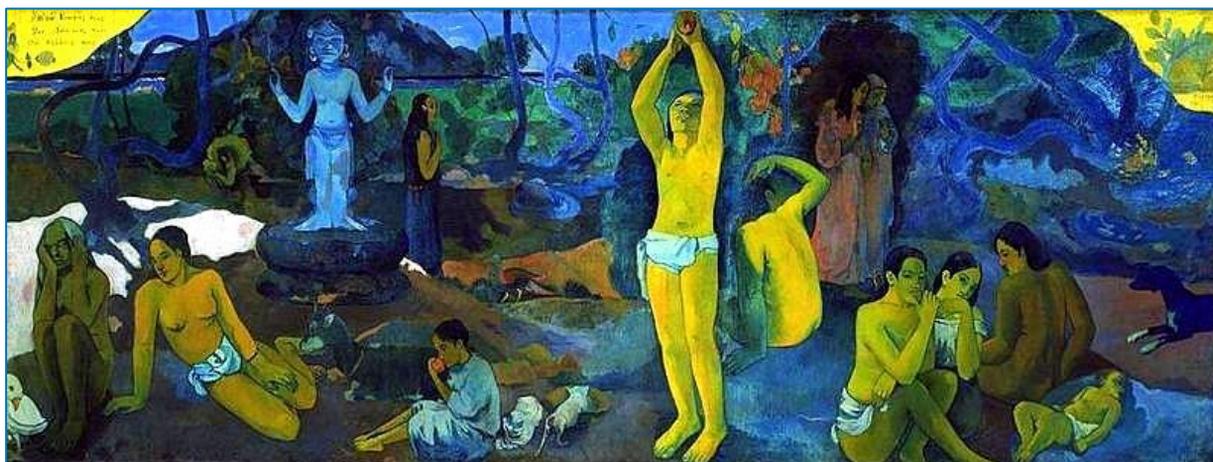
- Eu não sou como tu, sou grau 7, não temos sensores na roupa, nem nos sapatos nem em coisa nenhuma, a ralé existe para nos servir, assim como tu, ó palhaço!

Aproveitando-se da falta de equilíbrio do outro, Alex atirou-o ao chão e com um potente soco pô-lo fora de combate. Mentalmente, tirou-lhe as medidas e logo ali trocou de roupa, a ideia de viver fora das malhas da rede atraía-o irresistivelmente. Passou as suas coisas para o *aerocar* e fugiu.

Vencido pelo cansaço, Alex pousou o veículo e parou de conduzir. Fechou os olhos, adormeceu, mas a angústia de ser encontrado deu-lhe pouco tempo de sono. Olhou em volta. Encontrava-se junto a um cruzamento, muito para além da periferia da cidade. Lembrou-se dos rumores sobre uma zona fora do alcance das redes de vigilância, um lugar estranho, fora-da-lei, onde a Nova Democracia não tinha chegado, onde não havia Grandes Líderes, nem Crédito Social, nem Departamento de Comportamento Cívico. Saiu do *aerocar* e caminhou até chegar ao cruzamento. Naquela encruzilhada, Alex não esperava ter encontros estranhos, só tinha que se encontrar consigo mesmo. Olhou para a esquerda, olhou para a direita, não sabia onde iriam dar, talvez para donde veio. Para trás, o conforto, a carreira, os privilégios, o medo, o vazio. Em frente, o sol que ia nascendo; Alex achou que ver o nascer do sol era um bom sinal. Regressou ao veículo, ligou os motores, e voou em direcção à liberdade.

Capuchos, 31 de Março de 2021

Donde viemos? O que somos? Para onde vamos?



Uma das pinturas mais imponentes de Paul Gauguin. Um friso de grandes dimensões, com 4 metros de largura. Foi criada entre os anos de 1897 e 1898, no Taiti, e está atualmente no Museu de Belas Artes de Boston.

Esta pintura conta uma enigmática história sobre o ciclo da vida e deve ser “lido” da direita para a esquerda, desde a primeira infância até à velhice.

Donde viemos?

A história começa no canto inferior direito com um bebé adormecido. Ao seu lado, três mulheres estão sentadas. À direita um cão vigia o sono do bebé.

O que somos?

Atrás das três mulheres sentadas estão duas mulheres de roxo que parecem partilhar os seus pensamentos. Um homem sentado à esquerda coça a cabeça e olha com espanto para as duas mulheres.

Em primeiro plano, ao centro, está uma mulher de pé, com os braços esticados, colhendo uma maçã. À esquerda, sentada, uma criança come uma maçã, ladeada por dois gatos brancos e uma cabra.

Para onde vamos?

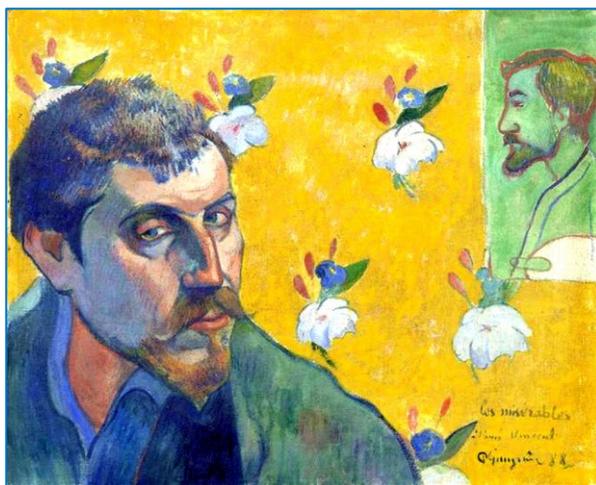
Atrás da cabra há um ídolo, uma estátua branca com braços levantados. O ídolo é uma estátua de um deus polinésio e representa a vida após a morte. A mulher à esquerda do bode parece ouvir o ídolo. À esquerda está uma velha que está perto do fim da vida. No canto inferior esquerdo está um pássaro branco que segura um lagarto com as patas.

Eugene Henri Paul Gauguin nasceu em Paris, no dia 7 de junho de 1848. A mãe era peruana e, durante o regime de Napoleão, a família mudou-se para Lima, no Peru. O pai faleceu durante a viagem, mas a família permaneceu por 6 anos no país, aí decorrendo a infância de Gauguin.

No regresso a França casou com uma dinamarquesa e a união gerou 5 filhos. Durante vários anos, Gauguin trabalhou numa agência de câmbios e a pintura surgiu na sua vida como uma paixão para ocupar os tempos livres.

Foi só aos 35 anos que Gauguin decidiu dedicar-se inteiramente à pintura. Com uma vida cheia de controvérsias, Gauguin abandonou a família e fixou-se no Taiti, em busca de inspiração para a arte primitivista que pretendia criar.

Durante algum tempo viveu entre o Taiti e a França, acabando por se fixar na ilha de Dominica. O destino final de Paul Gauguin foram as Ilhas Marquesas, onde faleceu a 8 de maio de 1903.



Paul Gauguin - *Auto Retrato, Os Miseráveis* (1888)

Alterações climáticas: Para onde vamos?

Por **João Paulo Curto**

Quando se ouve falar em alterações climáticas percebemos que o clima está em mudança. Mas de que mudança estamos a falar? E porquê? E, mais importante, como pode alterar o nosso modo de vida e o que podemos fazer?

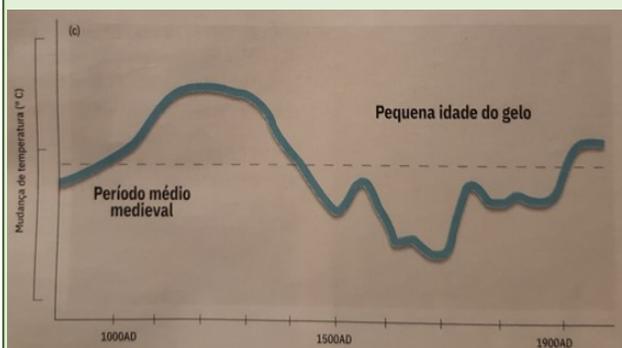
A variável mais conhecida das alterações climáticas é o aquecimento global. Não restam dúvidas que a temperatura média global, de cerca de 14 graus centígrados, está a aumentar. E o preocupante é a grande velocidade desta alteração, sem dar tempo a uma adaptação dos ecossistemas.

Outra faceta das alterações climáticas é o aumento da amplitude dos fenómenos atmosféricos. As cheias tendem a ser cada vez mais fortes, os invernos mais frios, os verões mais quentes e os períodos de seca mais longos. Ou seja, se a tendência se confirmar, Portugal continental terá um clima cada vez menos ameno, com maiores amplitudes térmicas anuais (invernos mais frios e verões mais quentes). E a distribuição da precipitação ao longo do ano, também sofrerá modificações.

Mas alterações climáticas rima com planeta Terra. Embora os registos climáticos tenham cerca de 150 anos, existem provas de sucessivos períodos de aquecimento e arrefecimento ao longo de milhares e milhões de anos.

Há mais de 60 milhões de anos, no tempo dos dinossauros, a temperatura era cerca de 6 graus superior à atual. O vale de Chelas, em Lisboa, era um pântano tropical.

Milhões de anos mais tarde tínhamos renas próximo da serra da estrela. O planeta aqueceu e arrefeceu, sem parar. Impérios desmoronaram-se devido a estas alterações, porque traziam fome e pragas. Fome por diminuição das produções agrícolas e pragas por oscilação de habitats e consequente migração de espécies.



Como se pode ver na imagem (Fonte: IPCC-1990) há 800 anos o clima era mais quente e há 300 anos estávamos numa pequena idade do gelo. Por toda a Europa o frio foi uma constante. Existem pinturas de feiras medievais realizadas no gelado rio Tamisa, em Londres.

A partir da segunda metade do século XIX é unânime que entrámos num período de aquecimento climático, anterior às atuais grandes emissões de gases com efeito de estufa (GEE).

Alterações climáticas: porquê?

O que provoca estas alterações climáticas?

Ninguém tem a certeza absoluta de todas as variáveis implicadas. Este grau de incerteza é visível nos modelos fornecidos, já há várias décadas, onde as simulações de aquecimento global acabaram por se revelar excessivas

relativamente à realidade. Exemplo disso são as profecias de Al Gore, no seu filme de 2006 “Uma verdade inconveniente”.

Não podemos esquecer que a atual posição dominante sobre as alterações climáticas deriva do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Alterações Climáticas) que funciona integrado na Organização das Nações Unidas (ONU). E o IPCC, apesar de ter uma importante componente científica, é sobretudo orientado pela política, ou seja, pelos gestores e políticos que integram este Painel. E que, repetidamente, tentam silenciar vozes discordantes, apesar de serem reconhecidas pelo seu valor técnico e científico.

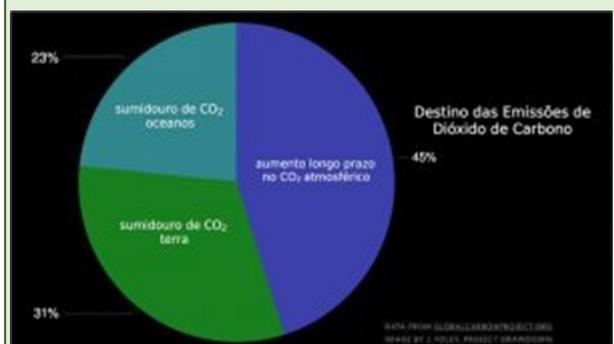
Falar sobre o clima e alterações climáticas é extremamente complexo. Os oceanos, as correntes marítimas, os ventos, os vulcões, variações na órbita da terra e na inclinação do seu eixo, as explosões solares, o magnetismo, a atmosfera, os cometas, o degelo, o albedo (capacidade de reflexão da energia solar de um corpo), a desflorestação, o que comemos, enfim, tudo pode ter a sua influência. Só cada um destes fatores merecia muito mais que estas páginas para ser entendido...

O efeito de estufa

Dito isto, o que poderemos fazer para retardar o efeito das alterações climáticas?

Uma componente importante das alterações climáticas, como já foi dito, é o aumento da temperatura. Parece que os gases com efeito de estufa (GEE) ajudam a este aumento. Falamos do dióxido de carbono (CO₂), do vapor de água (H₂O) e do metano (CH₄), entre outros.

Importa perceber como estes gases atuam. A energia solar, passa através da atmosfera e aquece a superfície terrestre. Este calor (radiação terrestre) é depois irradiado para o espaço. A diferença é que a radiação solar é emitida em ondas curtas e a radiação terrestre em ondas longas. Os GEE fazem com que a atmosfera seja transparente à radiação de onda curta e opaca à radiação de onda longa. Daqui resulta que o calor, ao invés de se escoar para o espaço, fica retido na atmosfera, indo provocar um aumento da temperatura. E quanto maior o nível de GEE, maior será a energia retida e maior o aquecimento. Similar a um automóvel estacionado ao sol. Os raios solares passam pelos vidros, aquecem o interior do automóvel (bancos, volante, etc.) mas o calor libertado por estes elementos (porque é em onda longa) não passa pelos vidros. E todos sabemos o que daqui resulta quando entramos na viatura. Assim sendo, é lógico relacionar a ação do homem, a queima de combustíveis fósseis e consequente aumento das emissões de dióxido de carbono, com o aquecimento global. Como alguém disse: “À cautela é melhor reduzir as emissões de CO₂, não vá o diabo tecê-las...”.



O curioso é que este é o verdadeiro gás da vida, base de toda a cadeia alimentar na terra, devido à fotossíntese.

Realçar que as plantas existentes na terra e nos oceanos são as grandes responsáveis pela absorção do CO₂ - sumidouros. (Fonte: Global Carbon Project)

“El Niño”

Mas estamos a falar de um tópico com muitas questões e poucas respostas. Por exemplo, de onde vem o fenómeno “El Niño” – aquecimento de vastas áreas do oceano pacífico, com uma periodicidade que ainda constitui um mistério por desvendar (períodos entre 3 a 10 anos, geralmente de 7 anos) e que afeta a temperatura e a precipitação em todo o globo?. Ou “La Niña”, fenómeno inverso, onde as temperaturas de áreas do oceano pacífico arrefecem, igualmente com enorme repercussão nas alterações climáticas. Embora se ligue estes dois fenómenos a alterações na circulação geral da atmosfera (outro assunto complexo), o seu papel nas alterações climáticas é uma área de intensa pesquisa mas sem consenso.

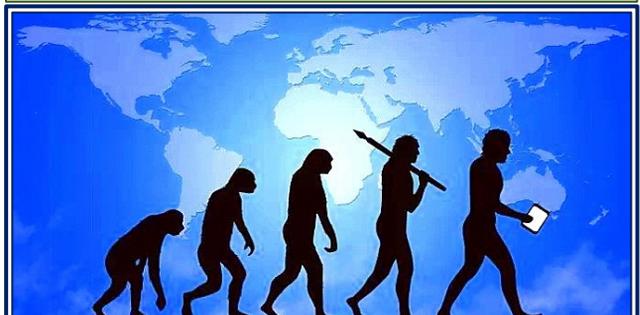
Negócio

As alterações climáticas são também um enorme negócio. Gases que se tornaram nocivos apenas quando a patente caducou (ex: gás utilizado nos equipamento de ar condicionado), ou atividades que raramente constam em relatórios das próprias ONG ambientais como a pecuária, atualmente considerada a atividade humana com maior impacto nas alterações climáticas (maior que a atividade industrial, transportes ou produção de energia). Estas alterações servem na perfeição uma indústria ligada ao ambiente, no valor de muitos biliões (milhões de milhões) de euros.

Esta economia verde, segmentada em energias renováveis, transportes, agricultura, construção ecológica, turismo, redes de energia, eficiência energética, consultoria, seguros, etc, teve, nas últimas duas décadas, um crescimento fabuloso, apoiado pelas políticas públicas de cariz sustentável, verdadeiro motor desta atividade. Por exemplo, o investimento previsto na produção de hidrogénio em Portugal para esta década e os subsídios associados.

Para terminar esta breve abordagem às alterações climáticas referência a um aspeto vital para a espécie humana: a diminuição da biodiversidade. Alguns investigadores consideram que estamos no meio do sexto evento de extinção em massa na História da Terra. E é a biodiversidade que nos fornece ar limpo, água potável e boa qualidade dos solos para as plantações. À atitude predatória do homem sobre o ambiente soma-se as alterações climáticas. E não nos podemos esquecer que a chave da cura para uma doença de amanhã, estava na espécie que extinguímos ontem.

Para onde vamos? Seguramente para um planeta com ecossistemas diferentes daquele que conhecemos. Talvez não no nosso tempo mas no tempo dos nossos netos. Ou dos netos deles.



<https://youtu.be/XnkFhHgQf1o>

Clique no link para ver o vídeo

Alice no País das “Maravilhas”

Por Um Morador



Era uma vez... um gato!

Mas não era um gato como os outros. Era um gato muito curioso. Não andava aos caixotes nem atrás das gatas. Era um filósofo, gordo e sorridente que passava a vida a observar os humanos, de quem se julgava profundo conhecedor. Era um gato do País das “Maravilhas”. Ele próprio uma “maravilha”.

Ora, este gato tinha a mania de aparecer sempre que aos humanos se deparavam situações em que tinham de tomar uma decisão.

Um belo dia, Alice, que estava de visita ao País das “Maravilhas”, chegou a uma encruzilhada no caminho. E, claro, lá estava o gato a observar, gordo, atento e sorridente. Então a Alice, respeitosamente, perguntou-lhe que caminho devia seguir. Ao que o gato retorquiu:

- Para onde queres ir?
- Não sei... respondeu a Alice.
- Então qualquer serve! disse o gato.

- Desde que vá dar a algum lugar... tentou emendar Alice.

- Ah, não te preocupes que chegarás a algum lugar! respondeu o gato. E acrescentou: - Desde que caminhes...

O que o gato não disse, mas pensou, foi: Para onde vão os humanos? Serão todos como esta Alice que não sabe para onde vai e não sabe para onde quer ir? Porque se metem ao caminho se não têm um objetivo?

Alto aí! Olha o raio do gato!... Está a aproveitar-se da ingenuidade da Alice para sugerir algumas conclusões abusivas sobre a espécie humana. Como lhe convém...

Na verdade é fundamental saber para onde queremos ir, tanto individual como coletivamente. Quem não escolhe o seu caminho acaba sempre por trilhar o caminho dos outros.

Coletivamente teremos de ter sempre em conta os objetivos dos nossos semelhantes. Que podem não coincidir com os nossos. Mas o objetivo dum coletivo terá de ser único.

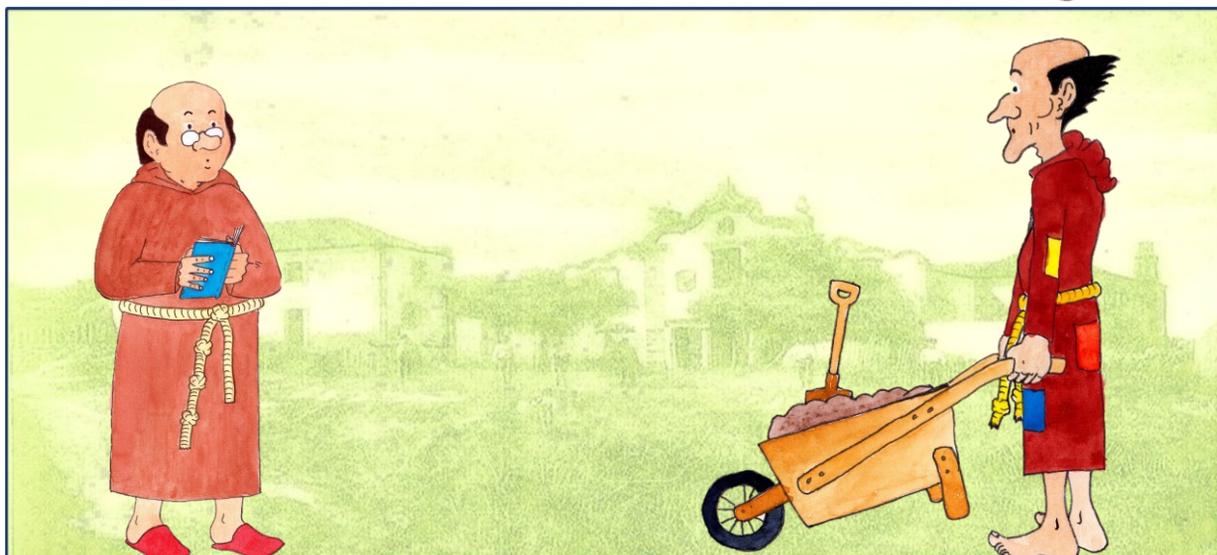
No plano individual a questão é: Identificado o nosso objetivo, o mais importante é o caminho. E caminhar... que o caminho faz-se caminhando!

O modo como percorremos o nosso caminho, sem atalhos nem desvios, sempre respeitando os outros, é o que define o ser humano que somos.

Tenho dito!

FREI FORTUNATO E FREI SIMPLÍCIO

Para onde vamos?



Donde viemos?

